



Os antigos germanos em *Os Sertões*: Canudos e Teutoburgo

Rafael Vicente Kunst

Resumo

Para explicar a aparente contradição entre barbárie e civilização que envolvia a descrição do sertanejo ao longo de *Os Sertões*, Euclides da Cunha recorre a diversos elementos da Antiguidade clássica como, por exemplo, a narrativa da batalha de Teutoburgo. Minha pesquisa consiste em analisar como e com quais motivações a escrita euclidiana utiliza as descrições clássicas dos antigos povos germânicos e seus conflitos contra os romanos.

Palavras-chave: *Os Sertões*; Recepção; Batalha de Teutoburgo.

The ancient Germans in *Os Sertões*: Canudos and Teutoburg

Abstract

To explain the apparent contradiction between barbarism and civilization that involved the description of the sertanejo written in *Os Sertões*, Euclides da Cunha uses various elements of Classical Antiquity, for example, the narrative of the battle of Teutoburg. My research is to examine how and with what motivations writing Euclidean uses the classic descriptions of the ancient Germanic people and their conflicts with the Romans.

Keywords: *Os Sertões*; Reception; Battle of Teutoburg.

Os Sertões, obra máxima de Euclides da Cunha, foi escrita após a viagem de seu autor ao sertão baiano, enviado para relatar os últimos momentos do conflito de Canudos. Esse evento concentrou as atenções das elites política e intelectual do país para o grupo de sertanejos que seguiam Antônio Conselheiro, vistos pela maioria destes, incluindo o próprio Euclides, como uma horda bárbara ameaçando o governo republicano brasileiro. Entretanto, após seu contato com aqueles sertanejos, cuja honestidade e bravura impressionaram o autor, e a verificação da barbárie apresentada pelo Exército principalmente no tratamento dos prisioneiros e na destruição do arraial, sua posição sobre aquele conflito e seus envolvidos foi modificada.

Que bárbaros são esses capazes de apresentar tanta coragem diante da iminente derrota? Nós, brasileiros dos grandes núcleos urbanos, somos realmente civilizados? Essas são questões norteadoras ao longo da elaboração de *Os Sertões*, que cumpria como principais objetivos compreender e narrar a história de Canudos e da sociedade sertaneja. Para Euclides da Cunha, era preciso “descobrir” aqueles brasileiros retardatários, esquecidos pelo processo evolutivo. Devia-se repensar quais eram as verdadeiras forças em questão naquele embate – a barbárie desconhecida do sertanejo e a civilização capaz de tamanha selvageria. Os critérios para as definições de bárbaros e civilizados foram então questionados pelo autor: “(...) os singularíssimos civilizados que nos sertões, diante de semibárbaros, estadearam tão lastimáveis selvaticquezas” (CUNHA, 2001, p. 784).

As definições dessa civilização singular e do que seria essa “semibarbárie” eram grandes desafios, pois contradiziam definições anteriormente defendidas pelo próprio intelectual. Esses novos conceitos visavam abranger a condição do que seria a luta do processo evolutivo no Brasil, representada pela guerra de Canudos: “A civilização avançará nos sertões impelida por essa ‘força motriz da História’ que Gumplowicz, maior do que Hobbes, lobrigou, num lance genial, no esmagamento inevitável das raças fracas pelas raças fortes” (CUNHA, 2001, p. 66). Assim, mesmo que a vitória da civilização sobre a barbárie fosse inevitável, era preciso apontar os erros da primeira, ao mesmo tempo em que seriam iluminados aspectos positivos do “selvagem do sertão”, chegando à proposição de um novo modelo evolutivo, que abandonasse as armas. Para elaborar e defender essas argumentações tão discordantes do pensamento dominante daquele contexto, o autor percebeu a necessidade de recorrer a diversas estratégias

retóricas, utilizando modelos argumentativos retirados de diversos autores e relacionando seu objeto de estudo a elementos aparentemente alheios ao seu contexto – por exemplo, eventos e personagens da Antiguidade Clássica.

Portanto, diversas referências à Antiguidade n’ *Os Sertões* são utilizadas com o objetivo de compreender, descrever e julgar tanto conselheiristas como os “civilizados do litoral”. Essas utilizações podem ser encontradas tanto de forma direta, traçando relações claras entre os eventos narrados por Euclides e acontecimentos célebres envolvendo antigos gregos ou romanos, por exemplo; como de forma indireta, através da apropriação de modelos argumentativos retirados de autores clássicos. A minha intenção neste texto é apresentar como algumas dessas utilizações são elaboradas por Euclides da Cunha – os usos de referências aos antigos germanos, focalizando o papel da relação traçada pelo autor entre Canudos e Teutoburgo. Para isso, apresento a situação em que é estabelecida a relação entre a derrota de Moreira César na terceira expedição contra o arraial conselheirista e a derrota das legiões comandadas por Varus na floresta de Teutoburgo, analisando seu funcionamento e motivações no texto euclidiano.

Ligando Canudos a Teutoburgo

Segundo Euclides da Cunha, a notícia da derrota da expedição liderada por Moreira César foi um grande choque na capital do país, tanto para a elite política quanto para a população. Não se tinha muitas informações sobre Canudos e seus moradores até aquele momento eram vistos simplesmente como um agrupamento de fanáticos rebeldes que derrotaram uma pequena força do governo baiano. As expectativas eram de que o grupo seria facilmente derrotado por uma força nacional do Exército, liderada por um oficial como M. César, famoso pela sua violenta atuação na repressão da revolta federalista no sul do país. Entretanto, aconteceu o que parecia improvável: o líder foi atingido em combate e morreu, e seus comandados foram obrigados a recuar às pressas. As notícias dessa derrota vergonhosa proporcionaram outra visão sobre os revoltosos do sertão baiano – mais do que uma revolta sertaneja, Canudos se transformou num foco de um golpe monárquico contra a jovem República brasileira. Não havia outra explicação para que aqueles bárbaros tivessem vencido uma força militar organizada, era evidente que uma conspiração monarquista estava em curso, e Canudos teria sido o primeiro

passo. O autor de *Os Sertões* resume sua posição diante daquele temor desmedido: “Em tudo a obsessão do espantinho monárquico, transmutado em legião – coorte misteriosa marchando surdamente na sombra –, meia dúzia de retardatários, idealistas e teimosos” (CUNHA, 2001, pp. 499-500). O tom irônico de sua narrativa é evidente ao fazer da “ameaça monarquista” um mero espantinho, mas que era capaz de produzir reações perigosas entre a população. A população respondeu aos protestos indignados dos jornais e dos pronunciamentos do governo contra a traição daqueles sertanejos indo para as ruas atacar jornais considerados monarquistas, numa atitude tão bárbara que lembrava aquelas dos habitantes do sertão: “A rua do Ouvidor valia por um desvio das caatingas. A correria do sertão entrava arrebatadamente pela civilização adentro” (CUNHA, 2001, p. 501). O objetivo do autor nesta citação não é defender o sertanejo ou negar sua barbárie, mas atacar uma população urbana que, mesmo vista como civilizada, era capaz de agir como “trogloditas completos”.

Logo após, Euclides resume, em uma analogia carregada de múltiplos significados, o impacto da derrota de Moreira César e a comoção para a elaboração do ataque definitivo contra Canudos. Entre aquele medo infundado de uma ameaça monarquista, formar-se-ia a expedição responsável pelo que o próprio autor definiria posteriormente como os maiores crimes da civilização contra Canudos:

“As **hordas invasoras**, depois de saquearem aquelas vilas, marchavam convergentes para o sul, (...), de onde, acrescidas de novos contingentes, demandavam o litoral, avançando sobre a capital da Bahia...

As gentes alucinadas ouviam um surdo tropear de bárbaros...

Os batalhões de Moreira César eram as legiões de Varo...
Encalçavam-nos, na fuga, catervas formidandas.

(...). E tudo isso, punha-se de manifesto, eram feitura de uma conjuração que desde muito vinha solapando as instituições. A reação monárquica tomava afinal a atitude batalhadora precipitando nas primeiras escaramuças, coroadas do melhor êxito, aquela vanguarda de retardatários e de maníacos.

O governo devia agir prontamente”.

(CUNHA, E. da. *Os Sertões*, p. 508. Grifos meus.)

Assim, a relação entre Canudos e Teutoburgo surge a partir da necessidade de condensar diversos elementos: a negação da antiga crença (que ele mesmo compartilhava antes de sua viagem ao sertão baiano) de que Canudos era uma revolta monarquista; a crítica contra o governo, que responsabilizou aquele “espantinho

monárquico” pelos problemas políticos do país; o seu julgamento negativo sobre a figura de Moreira César e da própria empreitada contra o arraial; além de apontar a origem dos sentimentos que, de certa forma, conduziram a última ofensiva militar contra os conselheiristas a agir de forma tão selvagem, como Euclides narra. Portanto, comparar a expedição Moreira César à força romana liderada por Varo, que foi derrotada pelos germanos, confere uma série de possíveis significações ao texto, muitas delas “acessíveis” apenas para os leitores que tivessem conhecimento não somente da falha do Exército brasileiro contra os conselheiristas, mas também do que representava a derrota romana em Teutoburgo. Entretanto, para analisar essas significações, é preciso rastrear as possíveis fontes das informações utilizadas por Euclides sobre a história da Roma Antiga.

Romanos contra as hordas do sertão brasileiro

O autor d' *Os Sertões* dificilmente fazia referências diretas a outros autores ou obras, principalmente de informações que, na sua própria compreensão, seriam de conhecimento comum de seus leitores. Assim, não é possível afirmar a origem de diversas referências à Antiguidade em sua obra. A familiaridade com a tradição clássica era recorrente entre os intelectuais brasileiros do século XIX, como destaca Rodrigo Turin, ao analisar o frequente uso desta nos trabalhos dos primeiros intelectuais ligados ao IHGB: “A constatação dessa presença [dos antigos], concretizada de modo abundante na forma de epílogos, citações e comparações, indica, entre outras coisas, a familiaridade desses autores com a tradição clássica (...)” (TURIN, 2010, p. 132). O uso comum de referências à Antiguidade entre os intelectuais daquele período explica porque Euclides não sentiu necessidade de justificá-las ou de comprovar suas origens. Entretanto, isso acarreta um problema para quem tenta interpretar esses tipos de referências: como descobrir quais textos clássicos foram lidos para elaborar esse paralelo entre Canudos e Teutoburgo? Suas influências vieram realmente de autores antigos ou de historiadores contemporâneos dessa reflexão? Não há como garantir de que forma o autor entrou em contato com alguma narrativa da derrota dos romanos contra grupos germanos – a única possibilidade é levantar hipóteses, a partir da maneira como esse elemento é utilizado.

A célebre batalha de Teutoburgo ocorreu em 9 d.C., nos últimos anos de governo de Augusto. No interior de uma floresta de territórios germânicos recém subjugados pelas forças romanas, três legiões lideradas por Públio Quintílio Varo, além de numerosa força auxiliar, foram cercadas e derrotadas por uma união de tribos germânicas chefiadas pelo líder dos *cherusci*, Armínio. A notícia dessa derrota teria sido recebida com espanto e temor em Roma, que viu nos bárbaros da Germânia um potencial perigo ao seu Estado. Segundo Peter Wells, aquele evento foi lembrado por diversos escritores romanos, mas foi praticamente esquecido durante a Idade Média, até a redescoberta dos *Anais* de Tácito, no século XVI (WELLS, 2004, p. 33). A narrativa da chegada das forças romanas lideradas por Germânico ao local onde teria ocorrido o massacre dos liderados de Varo acendeu o interesse dos leitores modernos. Como as organizadas forças romanas teriam sido derrotadas por um agrupamento de bárbaros? No século XIX, com o desenvolvimento do nacionalismo alemão, Armínio e sua “rebelião” contra Roma, vista como o grande poder militar da Antiguidade, se tornaram um símbolo da origem de uma antiga homogeneidade alemã. Conforme Wells, as três principais fontes clássicas utilizadas nessa trajetória para se refletir sobre Teutoburgo foram as obras de Veleio Patérculo (*História Romana*), de Dião Cássio (*História Romana*) e de Cornélio Tácito (*Anais*).

Como já afirmei, não há garantias de que Euclides da Cunha tenha lido algum desses autores, mesmo sendo muito provável seu contato com os escritos taciteanos, devido ao prestígio desse historiador romano. Ainda que pudéssemos confirmar a leitura de algum desses clássicos, continuaria impossível descobrir de qual deles partiu a influência da relação entre Canudos e Teutoburgo. A solução possível para essa questão é a comparação entre os argumentos presentes nas obras antigas e no texto euclidiano. Isso significa que as aproximações entre a batalha da Antiguidade e a que foi travada contra os conselheiristas não se restringem ao paralelo entre Moreira César e Varo: ao longo d’ *Os Sertões* há outras influências implícitas de narrativas sobre a vitória de Armínio sobre os romanos.

Uma delas, por exemplo, pode ser encontrada através da aproximação do trecho dos *Anais* referente ao evento em questão e a descrição euclidiana da chegada da Quarta Expedição ao local da derrota de Moreira César. Tácito começa sua obra apresentando o governo de Tibério, que assume o poder após a morte de Augusto. Uma expedição

punitiva contra os rebeldes germanos, liderada por Germânico, avança pela Germânia, até se deparar com o cenário da derrota das legiões comandadas por Varo:

No meio do campo viam-se por uma parte alvejar ossos descarnados, ou em montão ou dispersos, segundo a ordem em que tinham perecido, ou combatendo ou fugindo; (...). Ainda nos bosques sagrados da vizinhança se conservavam os mesmos bárbaros altares em que haviam sido degolados os tribunos, e os centuriões das primeiras companhias. (...), aonde foram tomadas as águias, aonde Varo recebeu a primeira ferida, (...); e numa palavra, com que zombaria e soberba tinha insultado as bandeiras, e as águias (TÁCITO, livro I, LXI).

O espanto e temor com que as forças de Germânico encararam os “vestígios” da violenta derrota romana naquele local marcam essa passagem. A degola, o desrespeito aos símbolos e líderes romanos no combate, as zombarias desonrosas, os “bárbaros altares” – todos esses elementos são marcas da barbárie germânica diante da organização romana. Essa passagem representa um retorno ao traumático desastre – seu cenário, seus personagens e os vestígios da tragédia. Mais do que a memória de uma derrota, essa narrativa carrega também a legitimação que aqueles homens tinham para suas futuras ações – aquele “memorial da derrota” serviu como um incentivo para as ações punitivas dos ultrajados romanos contra os bárbaros germanos – era necessário recuperar a honra insultada por aquelas hordas bárbaras.

Esses dois elementos presentes na narrativa taciteana – a descrição do cenário de uma marcante derrota e o impacto desse nos “combatentes vingadores” – também podem ser encontrados num trecho d’ *Os Sertões*. Nesta passagem, Euclides da Cunha descreve a chegada da Quarta Expedição ao local onde estavam as marcas da derrota dos comandados de Moreira César:

E continuou avançando em ordem, a passo ordinário, até o sítio memorável de Pitombas, onde houvera o primeiro encontro de Moreira César com os fanáticos. O lugar era lúgubre. Despontavam em toda a banda recordações cruéis; molambos já incolores, de fardas, oscilando à ponta dos esgalhos secos; (...). À margem esquerda do caminho, erguido num tronco – (...) – o arcabouço do coronel Tamarindo, decapitado, braços pendidos, (...). E do correr da borda do caminho ao mais fundo das macegas, outros companheiros de infortúnio: esqueletos vestidos de fardas poentas e rotas, (...) – delatavam demoníaca encenação adrede engenhada pelos jagunços (CUNHA, 2001, p.533-34).

A barbárie marcante dos sertanejos e a derrota dos representantes da civilização no Brasil são o centro dessa passagem. Os bárbaros do sertão venceram os civilizados, representados pelo Exército, não por mérito próprio, mas por uma “falha interna”, representada na figura de Moreira César, fruto do que o autor definiria como a “barbárie da civilização”. O cenário bárbaro elaborado pelo inimigo traz muitas semelhanças com a narração taciteana que expôs: os “vestígios” dos combatentes mortos, o cadáver de um dos líderes mortos barbaramente exposto, a “demoníaca encenação” daqueles bárbaros vitoriosos. Certamente não há como garantir a influência direta do texto de Tácito nesse trecho de *Os Sertões*, mas devido à proximidade dos elementos destacados em ambas as passagens e ao fato de Euclides relacionar anteriormente a derrota de Moreira César ao episódio de Teutoburgo, podemos sugerir que Euclides da Cunha apropriou-se de “fundamentos argumentativos” da narrativa do autor romano para proporcionar múltiplos significados ao seu texto: ao mesmo tempo em que descreve a tragédia de uma expedição militar anterior e o sentimento do grupo que encontra seus vestígios também se reforça uma das questões centrais no pensamento euclidiano: a luta entre barbárie e civilização e os erros que a última está sujeita a cometer.

Conclusão – os diversos usos da Antiguidade n’*Os Sertões*

Assim, podemos concluir que os usos feitos de elementos da Antiguidade em *Os Sertões* não se restringem aos paralelos estabelecidos entre fatos e eventos da campanha de Canudos e da Roma Antiga – eles servem também como “modelos argumentativos” dos quais o autor se apropria para construir outros significados, de acordo com suas interpretações sobre seu objeto. Talvez nem mesmo Euclides tenha percebido as semelhanças entre sua narrativa sobre a chegada da Quarta Expedição ao cenário da derrota de Moreira César e a descrição de Tácito sobre a chegada das forças de Germânico a Teutoburgo, mas a partir das evidências de que o primeiro tenha lido a obra do segundo, não podemos considerar as semelhanças entre os trechos em questão como “mera coincidência”. Se Euclides da Cunha em algum momento leu os *Anais*, ou mesmo alguma obra influenciada por esses, ele se apropriou dos argumentos ali presentes – como a barbárie dos germanos diante dos vencidos – e os utilizou como moldes, bases para elaborar suas próprias interpretações e julgamentos sobre o que

considerava a barbárie e como essa se relacionaria com um elemento próprio do seu tempo – o discurso sobre a civilização.

Considerando que esse paralelo entre o conflito de Canudos e a batalha de Teutoburgo seja um tipo de argumento elaborado por Euclides da Cunha (apresentando, portanto, o objetivo de persuadir seu leitor a compreender e aceitar sua narrativa e seu julgamento), precisamos observar quais são os elementos que consolidam essa estratégia retórica. Para compreender as funções e expectativas envolvidas no processo dessa construção argumentativa, é preciso recorrer à definição de auditório desenvolvida por Chaim Perelman em seu *Tratado da argumentação*: “ (...) o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação. Cada orador pensa, de forma mais ou menos consciente, naqueles que procura persuadir e que constituem o auditório ao qual se dirigem seus discursos” (PERELMAN, 2005, p. 22). Se considerarmos o público que Euclides da Cunha almejava alcançar com sua obra como seu auditório, concluiremos que o argumento em questão – o paralelo entre Canudos e Teutoburgo – não foi elaborado por acaso. Esse cumpria as expectativas de seu autor sobre uma visão prévia de um público que ele mesmo concebeu. Portanto, utilizar esses elementos da história antiga romana foi também um instrumento escolhido para criar significados para seus leitores que, na visão do próprio autor, não seriam alcançados de outra forma.

Bibliografia

- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Ateliê Editorial, Imprensa Oficial do Estado, Arquivo do Estado, 2001.
- _____. *Canudos – diário de uma expedição*. In: _____. Euclides da Cunha – Obra completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1995.
- GOMES, Gínia Maria (org.). *Euclides da Cunha: literatura e história*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação – A Nova Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- TÁCITO. *Anais*. Prefácio de Breno Silveira. Tradução de J. L. Freire de Carvalho. São Paulo: Jackson Editores, 1964.

TURIN, Rodrigo. “Entre ‘antigos’ e ‘selvagens’: notas sobre os usos da comparação no IHGB”. *Revista de História: edição especial* (2010). São Paulo: USP, 2010.

WELLS, Peter S. *The battle that stopped Rome*. New York: WW Norton, 2004.

Recebido em Dezembro de 2015
Aprovado em Janeiro de 2016

